

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.169

Domingo, 17 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — Telefone 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Cessem as causas que logo cessarão os efeitos...

Os maiores atentados são executados pelas plutocracias oligárquicas, determinando os outros não menores da força armada contra o povo que lhes sofre as consequências

Certa imprensa de grande tiragem e de abundantes capitais, referindo-se lacrimosamente aos atentados de carácter social que se tem repetido no nosso país, vai apodando as classes operárias de estarem enervadas pelas lamentáveis convulsões duma pavorosa insanidade. E no mesmo tempo que, nos seus espalhafatosos artigos, vinculam os seus articulistas os negros temores que se vão apossando da tranquilidade pública, ela reclama um homem de pulso forte e capaz de meter tudo isto na ordem, capaz de, pelos banhos de chuva psiquiátricos, curar toda a demência que avassala tantos milhares de cérebros perturbados. Não sendo bastante essa precipitada reclamação, apela, sentimentalmente, para o bom senso, o esplendorio raciocínio, a superior inteligência da parte das propagandas avançadas e idealistas para que exerça toda a sua salutar influência junto do proletariado, afim de mudar de directriz, de posições, de pensamentos, de fática. Ele deve, em presença da hedionda bacanal que o entala nas enrascadas económicas e sociais, fechar a boca, discutir por acenos e partir a cabeça no pacifismo cristão das teorias humildes, agradecendo aos deuses do céu e da terra toda a sua dor, toda a sua miséria — porque será o reino do catre do solitário, porta escancarada para o império do túmulo...

Esta é a aspiração máxima da imprensa de larga tiragem e de copiosos capitais — poderoso órgão das plutocracias dominantes...

Nos também somos avançados, nós igualmente somos idealistas: queremos a paz na terra, pretendemos a liberdade para os povos e nas sociedades, defendemos o integral direito à vida, sem subterfúgios, sem sofismas, sem mentiras. E' essa a nossa ideia, é essa a nossa crença, é esse o nosso Cristianismo fundamentado em bases morais duma superior doutrina de felicidade geral, de fraternidade completa.

Somos contra todas as lutas fratricidas: desejamos a transformação política, económica e social pela operação do mútuo entendimento, pelo esclarecimento de todas as inteligências humanas. Somos contra todos os atentados individuais e colectivos: preferimos que todos se deem como irmãos, que todos tenham o respeito devido para com o semelhante, que todos compreendam que a sua liberdade termina onde principia a do seu igual, que todos, pela recíproca cooperação, revolvam a terra, manejem a ferramenta, invistam a ciência, num mundo de justiça, de Solidariedade e de Equidade. Logo, somos contra todas as insanidades, todas as loucuras, todos os desvarios que veem quebrar aquele equilíbrio feliz que devia existir nos agregados humanos e garantir-lhes a possibilidade plena de poderem vestir-se, abrigar-se e alimentar-se do pão e do espírito. E' com arrepios, é com a mais lancinante dor de alma, que lêmos a história de tantos crimes, de tantas torturas, de tantas hecatombes, de tantos massacres, pilhagens e luxúrias, quer antigos, quer contemporâneos...

Mas perante os desregramentos e estímulos debochantes que cruciam o país numa ferocidade de ignomínias e lamaçais, a indignação, espontaneamente, apodera-se de todo o nosso ser e le-

va-nos a patrocinar a enérgica fórmula do legendário Jesus: *Não vim à terra semear só a paz, vim também espalhar a guerra* — contra os altos furtos, avaras, malícias, desonestidades, invejas, soberbias, loucuras, correndo do Templo, transformado em covil de ladrões, todos os vendedores e todos os banqueiros.

E' o que se torna necessário neste templo naci-nal onde, em vez de se ordar as boas doutrinas de felicidade geral, se comete toda a espécie de traficâncias ruinosas...

Porque queremos a paz na terra, é que somos contra a existência dos exércitos permanentes e faustos, a sobrevivência toda a produção dos povos laboriosos; porque somos contra todos os atentados individuais e colectivos, é que guerreamos os sistemas mercantil, industrial, financeiro e governativo.

Quando a força pública espingarda a massa popular num momento que ela exige pão e liberdade, pratica-se um atentado colectivo de amplas consequências; quando um Zelerino da Silva qualquer, estirado na impunidade das leis e no proteccionismo dos políticos, assassina, covarde e frimemente, um honesto trabalhador chamado Guilherme Lima, perpetrar-se o mais nefando dos atentados individuais; quando um mercenário vende ao público generoso falsificados, apodrecidos, envenenados, e, dia a dia, num delirio pavoroso de ganância, os encarece injustificadamente, comete-se minuto a minuto, um duplo atentado individual e colectivo, protegido pelos códigos; quando o industrial espesinhando crianças, mulheres e homens, edifica uma colossal fortuna sobre alicerces duma exploração descafével, exercida num bando de trabalhadores vivendo na miséria, executa-se o mais lamentável atentado individual e colectivo, tanto mais lamentável, quanto é certo que esse atentado mata aos poucos, lentamente, milhares de desgraçados; quando o financeiro, nas suas especulações bolsai-

tas, nos emprestimos a pesados juros, faz girar o câmbio a seu bel-prazer e assambarca a produção; quando um senhorio, mentindo, comprando os melhores e os melhores, expulsa da habitação uma infeliz família, às vezes doente; quando os governantes sobrecarregam o país de tributos de todos os preços e feitos, a propósito de tudo e a despropósito de nada, para, com os seus lucros, sustentarem uma pesadíssima função pública e uma agudíssima militaridade, ou esbanjá-los em grotescas passeatas que bramam aos céus — levam-se a cabo os maiores atentados individuais e colectivos, porque atiram para a miséria, para uma morte prematura, bastantes centenas de milhares de pessoas de ambos os sexos e de diferentes idades, sobretudo uma infância que cada vez mais se enfiça.

As inúmeras ligas comerciais, as industriais constituições de Companhias monopolistas, os numerosos sindicatos e coligações agrícolas e industriais e a rede sempre intensa e extensa da burocracia — são constantes, tenebrosos e multiplicativos atentados ao bem público.

Sendo assim, falta-nos, a nós, que somos contra todos os atentados e contra a luta fratricida, que somos avançados idealistas, a coragem suficiente, o ímimo necessário, para dizer aos explorados, aos perseguidos, às vítimas de todo este pagode macabro e social que, individual ou colectivamente, se não defendiam, se não unam e preparem para a sua libertação, para repelir os seus inimigos. Em primeiro lugar, para quem devemos apelar, consciências, inteligência e sensatamente, é para o capitalismo, para os negociantes, os industriais, os lavadores, os banqueiros e os poderes constituídos — deixando de ganhar, vadiar, luxuriar, luxar, tirar e massacrar. Cessando as causas, cessam os efeitos — como em química, física ou sociologia.

Senão... não...

Clemente Vieira dos SANTOS

Organização Social Sindicalista

E' já na próxima terça-feira que é posto à venda o interessante e utilíssimo livro

Organização Social Sindicalista

Temos já em nosso poder um dos primeiros exemplares. Tem 148 páginas de compacta leitura da mais interessante até hoje publicada.

Organização Social Sindicalista

é o livro até hoje mais completo que se conhece,

pois encerra um plano de organização sindicalista completo.

Acompanha-o um gráfico elucidativo pelo qual se pode verificar a complexidade da organização que corresponde às necessidades modernas da luta e à natural evolução do sindicalismo.

Organização Social Sindicalista

contém os necessários subsídios para os delegados do próximo Congresso Nacional Operário se poderem integrar no espírito das teses que são chamados a examinar.

A CONSTRUÇÃO DO POVO

Pão para o corpo: pão para o espírito

Iluminemos a Humanidade

Criança macilenta, andrajoza e faminta. A acrescentar a estes males, que arripiam as Almas sensíveis, este outro mal doloroso: uma deformação física horrível. Um pé, o direito, torcido, monstruoso, inestético.

O cunho maldito da miséria.

—Nasceste já assim, pequeno.

—Não, senhor. Foi um ar que me passou por cima. Do lado, uma criatura generosa que ouvia, iludida: «Coitado! Ficou assim por falta de meios; se, após o desastre, o tivessem tratado convenientemente, o pé voltaria ao seu lugar. Mas quê! Os pais, coitados, nem para comer podem arranjar!» Frase curta, sem filosofia, mas lapidadamente condenatória dum sistema social iníquo que nós, os rebeldes, queremos e havemos de banir.

Ah! E' lá possível que sobre o mundo continue a pairar a azia negra da miséria, atormentando os milhões de seres que a sofrem e os seres generosos que a presenciaram?! Não! Assim como a burguesia conseguiu, com o picarete formidável da Razão e da lógica, afundar a barcaça carcomida do feudalismo, também nós, os ousados igualistas deste tempo, conseguiremos meter no fundo o paliativo inconsistente da burguesia. A miséria não pode continuar no seu domínio maldito.

—Dize-me uma coisa: Tu sabes ler?

A criança respondeu com um gesto de cabeça que significava: Não.

A mesma criança elucidante, acrescenta: Esteve na escola umas semanas, senhor. Depois, por que o pai precisava do seu pouco ganho, tirou-o da escola. E' hoje moço de recados da casa grande.

E' assim em toda a parte, nos montes, nas aldeias, nas vilas e nas cidades. Os filhos dos pobres, indutivos seres que a burguesia sacrifica à sua imoralidade depravada, tuberculizam-se de miséria física e vivem eternamente em trevas por falta de instrução. A escola é geralmente uma poçola de que as crianças fogem horrorizadas e que o professor vê com o aborrecimento. Veja-se a diferença: os gabinetes ministeriais, albergo de criaturas que infelicitam a humanidade, repletos de conforto e bem estar; as escolas, templos sagrados de Luz e Amor, completamente ao abandono! Tanto fora do seu lugar...

A' burguesia, ao Estado, aos potentados, não convém a instrução do Povo. A instrução é um espantinho que assusta o negro espírito conservador. O Povo sem instrução é um rebanho. Com ela, é um aglomerado formidável de consciências. A' burguesia não convém o triunfo da consciência. A' burguesia só convém a docilidade do rebanho. Quando o Povo se instrui convenientemente (não apenas, é claro, a rudi-

mentar instrução da escola primária mas a instrução geral, especializada, que vá até ao grau superior em que o homem se torna um valor real, individual e colectivo), deixará a burguesia de ter as ordens, por não lhe obedecer à primeira voz tirânica, um grande exército de escravos. A vida da burguesia é consequente da escravidão popular. O escravo, que é sempre um ser ignorante, obedece dócilmente; o homem livre, pelo contrário, só obedece a este senhor generoso: A Razão.

O proletariado, tendo por principais rínceiras os seus orientadores mais prestimosos, dignificar-se há inscrevendo no seu brilhante programa de justas reivindicações a instrução geral obrigatória. A instrução! A ignorância! Ah! Feita a comparação, esta conclusão resulta: Aquela, o Bem, a Justiça; esta, o crime, a infâmia...

Almas generosas da minha geração! Escritores revolucionários do meu século! Corações sensíveis que saibam galhardamente defender a Justiça! Agentes simpáticos duma causa honrada e digna! Inteligências radiantes de Amor comovente! Plêiade audaciosa de arautos da Razão! Ouvi este apelo fervente da minha alma rebelde: Constituímos, nós todos, o bloco formidável que, impulsionando a instrução do Povo, há de abrir o caminho que conduzirá a humanidade à linda cidade de Luz fantástica, pelo cérebro equilibrado de Lucas de Fournemont...

Oh! Pois não é certo que amanhã (que soberbo amanhã de esplendorosa Luz!), quando o Povo for instruído, o crime desaparecerá do globo, dando lugar à mais encantadora, à mais comovente Fraternidade?!!

Gonçalves CORREIA

O "film" das sindicâncias

Foi preso e depois pôsto em liberdade condicional o director do Museu Regional de Aveiro

Chegou ontem a Lisboa o sr. Silvério Pereira Júnior, funcionário do ministério da instrução, que vem conferenciar com o ministro da instrução sobre assuntos que se relacionam com a sindicância ao Museu Regional de Aveiro. O sindicante, tendo apurado faltas graves na conferência de objectos, que iniciou na Sala do Tesouro, requisitou a prisão do director do Museu, sr. Marques Gomes, a qual foi efectuada pelo comissário da polícia daquela cidade. Neste momento o sr. Marques Gomes está em liberdade condicional, a pedido do sr. Silvério Júnior, até que o sr. ministro da instrução confirme a resolução do sindicante.

Os patrões estão preparando uma ofensiva contra o dia normal das 8 horas de trabalho. E' preciso que os trabalhadores conscientes se defendam dos maneios de especuladores que a inconsciência de certos operários tem feito, momentaneamente, triunfar.

Páginas históricas

O Congresso de Saint-Imier em 1872

Precursor dos grandes debates que no futuro deviam ser os fundamentos morais do movimento sindicalista revolucionário

Os anarquistas da Suíça preparam-se para a celebração do Congresso de Saint-Imier, que em Setembro de 1872, do meio século, foi o primeiro a formular os princípios pelos quais o Movimento Anarquista Internacional ainda segue o seu curso e que ao Sindicalismo insular vida e acção. Esse Congresso foi a consequência imediata da controvérsia entre Marx e Bacunine, que abalou profundamente a velha Internacional, e revelou, uma vez para sempre, o insuperável abismo que separa os autoritários dos anti-autoritários, os adoradores dos Estados dos fidejais inimigos do Estado. Reproduzimos, traduzidas do original, as três moções aprovadas por esse Congresso.

1.º Que o primeiro dever do proletariado é a destruição de todo o poder político.

2.º Que qualquer ou todas as organizações fundadas para a conquista do poder político, ainda mesmo que com a pretensão de provisória e revolucionária, e afirmando que procuram destruir o poder político, não passa de outra decepção que voltará a ser um tam grande perigo para o proletariado como o são os governos hoje existentes.

3.º Que, ao mesmo tempo que repudiam todos os compromissos como meio de nos aproximar da Revolução Social, o proletariado de todos os países deve estabelecer uma solidariedade de acção revolucionária que deve ser mantida afastada e separada dos políticos burgueses.

Certamente que estas moções não marcam inteiramente o campo das actividades anarquistas. Nenhuma moção podia fazer. Nenhum verdadeiro anarquista delinquiria num congresso o encargo de ditar o futuro e traçar dogmaticamente a estrada que a humanidade deve trilhar na luta para se libertar da escravidão. O Congresso, realizado há meio século, não podia menos ter a pretensão de apresentar um programa económico que garantisse a libertação do mundo de parásitos e apano de cavaleiro que ainda mostra nas costas dos trabalhadores. Tudo quanto podia dizer era que o cavaleiro deve ser apodado; que os privilégios especiais — o grito incessante de Bacunine — devem ser abolidos por um esforço dos revolucionários unidos; que o sistema político existente em qualquer dado momento, era o produto necessário e a sombra inseparável do sistema económico então dominante, e que era um absurdo acreditar ou esperar que um desses irmãos siameses podia matar o outro.

O socialismo político nunca foi capaz de compreender esta simples verdade. Nós cremos que falamos claramente quando dizemos que, desencaminhados por dirigentes intoxicados com o sonho do poder, isso não foi compreendido porque ele não queria compreender. Ainda hoje ele não verá que um cavaleiro é um cavaleiro, e que a pobre besta de trabalho não faz um átomo de diferença que o amo nela montado pertença à extrema esquerda ou à direita, que ele vista as cores do conservatismo, do radicalismo, ou de comunismo vermelho, mas sem liberdade — o comunismo de Estado.

Não tem sido fácil aos trabalhadores de todo o mundo apereberem-se da situação. Na realidade, ninguém pode claramente esboçar, ainda, o vasto novo-acôrdo que deve ser feito para completar a revolução industrial colocando os seus esforços por igual ao serviço de toda a humanidade. O mais que nós presentemente podemos dizer é que o monopólio deve desaparecer; que a nenhuma classe deve ser permitido submeter outra classe aos seus desejos; que a todos deve ser dada liberdade igual de oportunidade. O problema é estritamente económico. O fim a atingir é a abolição do domínio de uns por outros, e isto envolve a destruição de especiais privilégios em todas as suas formas.

Felizmente, os acontecimentos tem desbravado o caminho. A guerra revelou a todo o mundo, como por um claro dum relâmpago, qual a importância da força revolucionária do multilovado Partido Social Democrata. Desde então todos os partidos socialistas tem marchado firmemente pelo caminho da falência, e só resta aos marxistas russos, sob o nome da chamada «Ditadura do Proletariado», o encarrregar-se do final, do fatal entéro.

Nós confiamos em que os revolucionários da Suíça, da recordação e celebração desse congresso tirarão um grande sucesso. Não era possível nem podia ser encontrado um momento mais auspicioso.

Francellim

Federação das Juventudes Sindicalistas

Solidariedade!

Encontram-se abarrotadas de jovens sindicalistas as masmorras das Bastilhas portuguesas.

Mercê de uma campanha baixa de escrúpulos, movida pela imprensa mercenária, os jovens sindicalistas de toda a região portuguesa estão sendo alvo de um ataque cerrado por parte dos serventários do Capitalismo.

Entre esses bravos sacrificados por um ideal de Liberdade, já germina o terrível espantinho da Fome.

Ao apoio moral é necessário juntar o nosso apoio material.

Urge que todos os que trabalham siabam ajudar a minorar os sofrimentos dessa heroica falange de pioneiros do Bem.

Neste sentido, a Federação das Juventudes Sindicalistas apela para que por todos os meios ao seu alcance, quietes, festas, etc., a mocidade sindicalista de Portugal, bem como todo o operariado em geral, corresponda ao nosso chamado provando por factos o seu forte espírito de solidariedade e abnegação.

Outrosim recomenda à mocidade operária a visita a esses camaradas, a quem o nosso convívio fará esquecer momentaneamente o seu sofrimento.

Todos os donativos deverão ser enviados para a calçada do Combro, 38-A, 2.º bem como o pedido de listas.

A Comissão Federal de auxílio aos jovens sindicalistas presos

3.º CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

1) O movimento operário e a sua situação actual

Já antes da guerra, no movimento operário internacional se faziam sentir e procuravam prevalecer e alcançar, a hegemonia na sua direcção, correntes diversas, sendo as principais: o trade-unioismo, o reformismo social democrata e o sindicalismo revolucionário. O trade-unioismo preponderante e característico do agrupamento anglo-saxão, o reformismo social democrata preponderante nos povos da Europa Central, Oriental e o sindicalismo revolucionário, exercendo a sua influência sobretudo nos países latinos.

Entretanto estas divergências de tendências e de fáticas, pôs desde logo a luta duma certa envergadura, nunca adquiriram a acuidade e a violência das que, a que se presentemente assistimos. Com a guerra mundial e com a Revolução russa, a desagregação, o fracasso, o desmoronamento, pela diversidade de tendências e de processos de luta, accentuou-se até ao infinito, conduzindo em todo o mundo operário a um estado de pulverização que o tornou impotente perante a concentração das forças capitalistas em todos os países, forças estas já repostas das preocupações e custos causados pela desmobilização, pelas revoluções russa, alemã e húngara e permitiu a formação do bloco burgues e a ofensiva capitalista, com as características da maior violência e crueldade e o consequente recuo do proletariado falto de coesão e unidade na acção.

Uma rápida revista pelo movimento operário nos principais países da Europa, confirmará estas nossas dolorosas afirmativas:

toda a parte reveste as duas modalidades: reformista e revolucionária.

Os reformistas agrupados na União Geral dos Trabalhadores são influenciados e dirigidos pelo antigo partido socialista. Na Confederação Nacional do Trabalho agrupam-se os elementos mais activos e mais revolucionários da Espanha. Mas tanto no campo político como no campo económico as divisões de tendências e de ideias provocadas pela guerra e pela revolução russa unificaram os antigos quadros e a relativa unidade de outórra.

Os socialistas sindicaram-se para formar o partido comunista e os aderentes a C. N. T. extremaram-se em comunistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários, todos procurando predominar na direcção do movimento, mantendo uma luta que por vezes tem revestido aspectos lamentáveis de intolerância e de violência.

Em França, a antiga C. G. T. revolucionária, libertária, anti-política, anti-estatal, partidária da acção directa e da luta de classes, transformou-se pela acção deletéria da guerra em reformista, partidária da paz social. Procura a colaboração com a burguesia, com esta estabelece compromissos e toma parte em todas as iniciativas burguesas criadas com o fim de manter e defender o capitalismo, tais como a Sociedade das Nações e o Bureau do Trabalho em Washington.

Esta defeição da velha C. G. T. anarcho, como é sabido, os seus elementos de acção revolucionária a procurar reconduzi-la às suas antigas tradições, o que deu lugar, como também é do conhecimento de todos, a uma luta que terminou pela expulsão dos revolucionários.

Feita a scisão, criada a C. G. T. Unificada assistimos a novas divisões no

peu seio, a novas lutas de tendências, de ideias, de processos, agora entre anarquistas, comunistas e sindicalistas, divisões e lutas que podem ser uma ameaça perigosa para o movimento revolucionário, se este não conseguir unificar-se para a acção decisiva.

Todas e tais scisões tem comprometido e enfraquecido os esforços das massas e em França, como em toda a parte, levaram à perda de muitas batalhas operárias.

Na Itália identicos fenómenos se observam. As mesmas divisões, identicas scisões tanto no campo político, como no campo económico. O movimento sindical compreende a C. G. T. de que faz parte os socialistas reformistas e os comunistas com preponderância dos primeiros; a União Sindical Italiana onde preponderam os elementos sindicalistas e anarquistas, mas de que também fazem parte os comunistas; a Confederação Italiana Operária, organização dos operários católicos; a União Italiana do Trabalho, produto duma scisão na U. S. I. e que se compõe de elementos nacionalistas e republicanos antigos partidários da entrada da Itália na guerra, e a Confederação Italiana das Unões Económicas, de que fazem parte os «fascistas» e os operários nacionalistas.

Além destas organizações, outras existem, como a Federação ferroviária, que se conservam desligadas de qualquer agrupamento inter-sindical.

Na C. G. T. italiana, o maior agrupamento proletário da Itália, — pois chega a contar em 1922 para cima de dois milhões de aderentes, — identicas lutas pela hegemonia do movimento se travam entre comunistas e social-reformistas. Estas lutas de tendências, o aborrecimento da revolução em 1922, a reacção

que se seguiu desencadeando a ofensiva furiosa e cruel dos «fascistas», guardas-brancas burguesas, — a terrível crise económica e financeira em que a Itália se debate, a falta de directrizes nítidas na acção sindical, pela indecisão e atonia dos chefes sindicais reformistas, a lassidão e o cansaço das massas reduziram o número actual dos aderentes a C. G. T. a um escasso milhão.

A U. S. I. que em 1920 tinha agrupado uns 300 mil sindicados e cujos efectivos actuais não devem exceder uns 100 mil, nasceu duma scisão da C. G. T. em 1911.

Hoje uma nova scisão — pelo menos de estorços — a ameaça em virtude da luta entre anarquistas e comunistas motivada sobretudo pela forma de encerrar a revolução russa e pela questão tam debatida da adesão à Internacional Sindical Vermelha e da unificação do movimento sindical pela adesão da U. S. I. à C. G. T.

Nu lug Icterra, o movimento operário, que se concentra ainda nas velhas Trade Unions, cujos «leaders» ou dirigentes são simultaneamente os dirigentes do «Labour Party» — por assim dizer, a sua expressão política — acha-se também dividido em variadíssimas tendências: fabianos, gildistas, socialistas independentes, reformistas, sindicalistas revolucionários, comunistas, etc. etc.

Atualmente atravessa uma crise, que é o resultado da política seguida até hoje pelo partido político de oportunismo, de fraquezas, de falta de coragem, de confiança e solidariedade.

Os chefes trabalhistas tem mostrado sobretudo, como o fazia notar a revista inglesa «Labour Monthly», mais medo das consequências duma vitória operária do que da derrota. O que se tornou bem patente por ocasião da greve dos mineiros ingleses em que os chefes da

«Triple Alliance», união formada pelos operários dos transportes marítimos, pelos ferroviários e pelos mineiros, abandonaram estes à sua sorte não se lançando em conjunto no movimento por medo às fatais consequências revolucionárias que o seu acto de efectiva solidariedade acarretaria, dando lugar com esta atitude ao desaparecimento da «Triple Alliance».

Esta política de pusillanimidade, em que as massas se vêem isoladas, obrigadas a lutar não em conjunto mas por recções, enquanto outras se conservam neutras, tem sido a causa de pungentes derrotas para o movimento operário inglês. A comprová-lo lembremos, além da derrota dos mineiros, a dos ferroviários em 1919, a dos mecânicos, etc.

Esta política caracterizada não por uma fraqueza congénita do movimento operário inglês, mas pelo receio às consequências, quebrando a solidariedade do trabalho, animou e desencadeou a ofensiva capitalista, que se não divide, mas pelo contrário se combina e cada vez mais se concentra em todo o mundo, atacando as regalias já conquistadas, provocando os «lock-outs», a baixa dos salários, o inábor, que na Inglaterra atinge perto de 2 milhões de operários, o esgotamento dos fundos dos «Trade Unions» e a deserção dos sindicados.

Para remediar este estado de cousarrou-se no ano corrente em Inglaterra o Conselho Geral das «Trade Unions», com o fim de amalgamar estas, e conseguir uma acção de conjunto do proletariado inglês. Mis como a simples união de homens — os «leaders» sindicais — não provocou mudanças na mentalidade, os sindicatos continuaram aplicando a mesma tática seccionalista, de negociações intermináveis e infrutíferas, de apelos à intervenção do Esta-

do; de respeito pelos interesses da «com» e do partido comunista, e reveste os mesmos aspectos de scisões e exclusões tanto individuais como colectivas que outros países reveste.

Esta scisão é por assim dizer o reflexo do corolário lógico das lutas no campo político.

O velho e autocráticamente disciplinado partido social-democrata, subdividiu-se como é sabido, no Partido Social-Democrata (maioritário), no Partido Social Democrata Independente e no Partido Comunista. Todos estes partidos procuram manter, desenvolver ou adquirir a hegemonia do movimento sindical.

A influência do antigo partido social-democrata — que apesar de tudo conserva ainda a maioria — é dia a dia minuada e diminuída sobretudo pela influência crescente do partido comunista. A influência sobre as massas, do partido socialista independente, como a de todos os partidos centristas de política indecisa e hesitante, tende cada vez mais a diminuir, visto que numa época de luta social intensa como a nossa, cada vez mais também imperiosamente se exige que se extremem os campos e se definam as atitudes.

A natural reacção das massas desiludidas da política de colaboração de classes dos chefes social-democratas e da burocracia sindical; política esta, que chegou ao ponto de negar o direito da greve aos funcionários; de hipocritamente encorajar a campanha burguesa a favor da redução do horário das 8 horas; de votar os impostos que hoje esmagam e reduzem à miséria as massas proletárias e a pequena e média burguesia alemã, tem também concorrido para minar a influência do partido S. D. (maioritário).

(Continúa.)

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

D.	3	10	17	24	31
S.	1	8	15	22	29
T.	2	9	16	23	30
Q.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	
S.	5	12	19	26	
S.	6	13	20	27	
S.	7	14	21	28	
S.	8	15	22	29	
S.	9	16	23	30	

MARES DE HOJE

Praia de 11.33 e às 0.00
Baixamar às 4.26 e às 15.30

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos

Vapores	Destinos	Dias
Bague, Southampton, Havre, Anvers e Hamburgo.		7
Zubbe, portos do Brasil e Argentina.		17
Zeehulst, Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.		18
Alcyon, portos do Brasil.		19
Britania, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.		19
Cap Norte, portos do Brasil e Argentina.		20
Hogarth, Rio de Janeiro e portos da Argentina.		22
Usakuma, Tenerife, Las Palmas, Laredo, Lobito, Cidade do Cabo, Port Elizabeth, East London, Natal, Lourenço Marques e Beira.		23
Brega, Beyrouth, Jaffa, Pireu, Smirna e Marselha.		25
Santos, Liverpool.		25
Luella, portos do Brasil e Buenos Aires.		26
General Belgrano, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires.		26
Almagra, Brasil e Argentina.		26

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sôde) para Casablanca, às 6.30, 7.45, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 12.30, 13.30, 14.30, 15.30, 16.30, 17.30, 18.30 e 19.30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20.30.
--

De Casablanca para Lisboa, às 6.30, 7.45, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 12.30, 13.30, 14.30, 15.30, 16.30, 17.30, 18.30 e 19.30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20.30.

De Lisboa (T. Faco) para o Barreiro, às 6.30, 7.45, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 12.30, 13.30, 14.30, 15.30, 16.30, 17.30, 18.30 e 19.30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20.30.

Do Barreiro para Lisboa, às 6.30, 7.45, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 12.30, 13.30, 14.30, 15.30, 16.30, 17.30, 18.30 e 19.30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20.30.

(a) Não se efectuam aos domingos e feriados. (b) Se se efectuam aos domingos e feriados, mais um às 20.30.

HORARIO DA LINHA DE SINTRA

Partida de Lisboa	Chegada a Sintra	Partida de Sintra	Chegada a Lisboa
0.35	1.39	0.12	1.09
6.10	7.19	6.15	6.34
7.45-a	8.16-a	7.35	7.24
8.50-a	9.30-a	8.32	8.20
9.10-b	10.22	8.40-b	9.11
10.10	11.21	9.51	10.25
11.27-b	12.39	9.40-b	10.10
12.15-b	12.51	9.51	10.25
12.50-c	13.59	12.00	13.02
14.00-b	15.09	13.35	14.34
15.30-c	16.30	17.01	18.00
17.30-a	18.00	18.10-a	18.32
18.00-c	18.51	18.25-b	19.24
18.15-a	18.40	18.50-b	19.24
18.35-b	19.19	19.32	20.30
18.58-c	19.53	21.02-b	21.59
19.30-c	20.06	22.40	23.33
19.55	21.02	—	—
21.00-b	22.04	—	—
22.47	23.50	—	—

HORARIO DA LINHA DE CASCAIS

Partida de Lisboa	Chegada a Cascais	Partida de Cascais	Chegada a Lisboa
0.45-c	1.38	0.15-f	1.08
7.20-d	8.26	5.55-e	7.01
8.45-c	9.46	7.20-e	8.26
10.00-d	10.41	8.25-f	9.31
10.30	11.36	9.04-e	9.45
12.50-a	13.31	9.47-f	10.40
13.00-a	14.01	10.10-e	10.51
14.00-a	15.03	11.15-f	12.12
16.00	17.02	12.40-f	13.59
17.20-d	18.01	14.30-e	15.27
17.30-b	18.36	16.00	17.06
18.15-c	19.12	17.40-b	18.21
18.50-d	19.51	18.20-f	19.19
19.00-e	20.05	19.00-a	19.59
19.40-f	20.45	19.44-f	20.43
21.10-c	22.03	22.30-f	23.23
23.10-c	00.03	—	—

a. So aos domingos e feriados. b. So aos dias úteis. c. Directo até Alentejo. d. Directo até S. J. Estoril. e. Directo até C. Quebrada. f. Directo desde S. J. Estoril. h. Directo desde C. Quebrada.

Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, para operários e trabalhadores.

CARTAZ

EDEN TEATRO. - A's 21. - As duas rotas de Paris.

AVENIDA - A's 21.15 - A Boa Estrela.

MARIA VITORIA (Feira Arqueológica) - A's 21.30 - Las novas!

COLISEU - A's 21.30 e às 22.30 - Pica-Pau.

APOLO - A's 21.30 - Belo Soco.

GIL VICENTE - A's 21.30 - Valsa nos seios.

SALAO FOZ - A's 20.30 - Animatograf.

OLIMPIA - Animatograf.

CONDES (Avenida) - Animatograf.

CENTRAL (Avenida) - Animatograf.

ROSSIO (Arco Bandeira) - Animatograf.

CHATELIER (Avenida) - Animatograf.

IDEAL (Largo) - Animatograf.

EXCELSIOR (Teatro dos Amigos) - Espetáculos cinematográficos, às 20.30.

PROMOTORA (ao Carvalho) - Animatograf.

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALLERIA DE GEOGRAFIA - Rua do Arco da Jesus. - Todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 16.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA - Desembarque - Todos os dias, das 10 às 12 e das 14 às 16.

ARQUEOLÓGICO - Largo do Carmo. - Todos os dias, das 10 às 12 e das 14 às 16.

ARTILHARIA - Largo do Arco da Jesus. - Todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO - Rua Eugénio dos Santos. - Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUÊS - Edifício dos Jerónimos, Belem. - Todos os dias úteis, das 10 às 16.

GEOLOGICO - Rua do Arco da Jesus, 20. - Academia das Ciências, 2.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO - Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DU BOU - C. G. E. - Escola Politécnica. - Quintas-feiras, das 12 às 16.

MISERICORDIA - Largo de Trindade Coelho. - Último domingo do mês, às 15.00.

NACIONAL AGRICOLA - Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA - Rua das Janetas Verdes.

NACIONAL DE COCHES - Praça Afonso de Albuquerque. - Todos os dias úteis, das 10 às 17.

NACIONAL DE MARINHA - Largo do Chafariz, 23-A's. - Terças e domingos, às 9.00 centavos.

HORARIO DA LINHA DE CASCAIS

Partida de Lisboa	Chegada a Cascais	Partida de Cascais	Chegada a Lisboa
0.45-c	1.38	0.15-f	1.08
7.20-d	8.26	5.55-e	7.01
8.45-c	9.46	7.20-e	8.26
10.00-d	10.41	8.25-f	9.31
10.30	11.36	9.04-e	9.45
12.50-a	13.31	9.47-f	10.40
13.00-a	14.01	10.10-e	10.51
14.00-a	15.03	11.15-f	12.12
16.00	17.02	12.40-f	13.59
17.20-d	18.01	14.30-e	15.27
17.30-b	18.36	16.00	17.06
18.15-c	19.12	17.40-b	18.21
18.50-d	19.51	18.20-f	19.19
19.00-e	20.05	19.00-a	19.59
19.40-f	20.45	19.44-f	20.43
21.10-c	22.03	22.30-f	23.23
23.10-c	00.03	—	—

a. So aos domingos e feriados. b. So aos dias úteis. c. Directo até Alentejo. d. Directo até S. J. Estoril. e. Directo até C. Quebrada. f. Directo desde S. J. Estoril. h. Directo desde C. Quebrada.

Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, para operários e trabalhadores.

CARTAZ

EDEN TEATRO. - A's 21. - As duas rotas de Paris.

AVENIDA - A's 21.15 - A Boa Estrela.

MARIA VITORIA (Feira Arqueológica) - A's 21.30 - Las novas!

COLISEU - A's 21.30 e às 22.30 - Pica-Pau.

APOLO - A's 21.30 - Belo Soco.

GIL VICENTE - A's 21.30 - Valsa nos seios.

SALAO FOZ - A's 20.30 - Animatograf.

OLIMPIA - Animatograf.

CONDES (Avenida) - Animatograf.

CENTRAL (Avenida) - Animatograf.

ROSSIO (Arco Bandeira) - Animatograf.

CHATELIER (Avenida) - Animatograf.

IDEAL (Largo) - Animatograf.

EXCELSIOR (Teatro dos Amigos) - Espetáculos cinematográficos, às 20.30.

PROMOTORA (ao Carvalho) - Animatograf.

Preliminar dos Sindicatistas Revolucionários

Toti: Se vós oferecereis condições à I. S. V., seria necessário acrescentar a nossa declaração da C. O. I. U. Contrariamente a Schapiro e Rocker eu sou partidário de apresentar os nossos estatutos à aceitação da I. S. V.

Besnard: A delegação francesa não pode dar a sua opinião definitiva sobre esta questão, porque só o Congresso de Saint-Henri, pode dar a sua decisão. Mas nós estamos inspirados pelas declarações feitas aqui, sobretudo pelas da camarada Rocker. Nós devemos preparar aqui testes que poderiam ser apresentados a Moscú. Uma recusa seria uma grande importância. Nós queremos recusar-nos a tentar tudo para criar a frente única de todos os revolucionários.

Souchy: A Internacional Comunista não tem a intenção de subordinar a I. S. V. Foi numa reunião do Comité Executivo da Internacional que foi projectada a criação da I. S. V. Eu assisti a essa reunião assim como diversos representantes dos Sindicatos reformistas, e havia ainda entre outros Cachin e Frossard. A uma observação de que Cachin e Frossard nada tinham que ver lá dentro e que, de mais, a sua atitude durante a guerra era das mais vergonhosas, Rocker respondeu que isso não tinha nenhuma importância ali e que além disso, tinha passado. Zinoviev acrescentou que os sindicalistas alemães que são marxistas, estavam bem representados e que se recusavam Frossard não havia nenhuma razão para aceitar Souchy, e que então era necessário recusá-lo também.

A organização da I. S. V. começou a partir de colaboração com os reformistas mais do que com os revolucionários, porque a dominação sobre as organizações reformistas é mais fácil que sobre os revolucionários. Eu não me alongaria mais estando completamente de acordo com o que disse Rocker.

Nós queremos a frente única, mas sabemos que é impossível, porque queremos realizar sem centralismo.

No que respeita às acções comuns momentâneas, nós aceitamos a colaboração momentânea de todas as organizações para uma causa do interesse da classe operária.

A criação duma Internacional Sindicalista é inevitável e necessária. Recordo também o ponto 5.º da Resolução que foi aceite na conferência de Berlim, em 1920:

«A Internacional Sindical revolucionária é intrinsecamente independente de todo o partido político. No caso da Internacional Sindical revolucionária se decidir a uma acção e que partidos políticos ou outras organizações se declararem de acordo com ela, ou vice-versa, a execução desta acção poder-se-á conduzir em comum com esses partidos ou organizações.»

O delegado dos marítimos holandeses declara que tudo o que se tem dito é duma grande importância e declara-se de acordo, em nome da sua organização, com todas as decisões que tenham sido tomadas.

A crise de que fala Rocker, está no seu apogeu na Holanda. A Organização Holandesa está ganha para a criação duma Internacional revolucionária. Se a I. S. V. compra e ganha os chefes, é possível que a massa seja também corrompida? O perigo está na imaturidade das massas. Nós devemos portanto reagir contra a sua apatia. No que respeita à Rússia exigimos que sejam libertados todos os camaradas presos. Nós somos agora uma organização independente porque a central reformista adere a Amsterdam e nós não podemos aderir ao N. A. S. Sindicalista, porque a federação dos transportes, por intermédio da qual nós podíamos aderir, como já o dissemos, é uma organização dirigida pelos políticos comunistas.

Leccio: Tenho a convicção que a I. S. V. está pronta para todas as concessões; também quando vejo que os franceses fazem condições de adesão a I. S. V. eu fico aterrorizado. Após a

leitura dos Estatutos da I. S. V., são os Estatutos todos que é preciso modificar porque se isso se não fizer seremos enganados. A C. O. I. U. tem um projecto, é convocar todas as centrais que não aderem a Amsterdam, para formar os novos estatutos e submetê-los à I. S. V. Nós constatamos a necessidade duma Internacional sindicalista revolucionária que convogue um congresso das ditas centrais o mais depressa possível e que se realize em qualquer país que não seja a Rússia. Pelo meu lado, eu preferiria ignorar a I. S. V. a estar na obrigação de a combater sob o mesmo título que a de Amsterdam. Nós deixámos Amsterdam porque era uma Internacional de políticos.

Ora a I. S. V. ligou-se com a Conferência de Berlim.

Ela é política porque aprova a atitude da Internacional Comunista que propoz fazer uma aproximação com os partidos políticos.

Ela aprovou todas as transações dos governantes russos com os capitalistas na Conferência de Génova.

A «demonstração» do delegado russo aqui, nesta conferência, demonstra a fraqueza da I. S. V., porque depois de terem julgado prematuramente esta conferência, assistiram a ela.

As duas resoluções seguintes são apresentadas à Conferência

(Toti: em nome da delegação francesa, propõe a moção já publicada em A Batalha de 19 de Agosto e que é aprovada por unanimidade.)

Toti: Nós somos o que, pela nossa atitude, impedimos apesar do entusiasmo, que a minoria francesa adira à I. S. V.

São as nossas condições que, recusadas pela I. S. V. fizeram que os nossos delegados a essa I. S. V. fossem desacreditados.

Não neste momento a afrontar a impopularidade, para que não se subordine o sindicalismo revolucionário. A minoria revolucionária não esteve na

I. S. V., mas toda a nossa atenção foi dirigida para esta questão: saída de Amsterdam e adesão a Moscú. Mas apresentamos reservas, dissemos que a adesão à I. S. V. não se faria senão na condição de conservar a nossa autonomia completa, tanto nacionalmente como internacionalmente.

Se, na verdade a I. S. V. caiu mais baixo que a Internacional de Amsterdam, em compreendendo a intransigência das camaradas. A lógica é que uma arma pontaguda é nós não devemos tomar uma decisão unilateral.

Besnard: O nosso mandato fala da possibilidade duma Internacional. Podemos não ser a de Moscú. Actualmente a questão apresenta-se sob três aspectos: 1.ª nenhuma decisão — resultado de desastrosos; 2.ª identificar-se com a proposta francesa; 3.ª não a levar em conta e como os outros centros desacreditaram a I. S. V., com as teses desta maneira, votar uma moção criando um «bureau» provisório para uma Internacional sindicalista revolucionária.

Schapiro: A situação é clara. Todos se declararam contra a adesão à I. S. V. Logo, a primeira parte do mandato da delegação francesa está travada — a opinião que esta última veio procurar a Berlim, obteve. Vem a segunda parte desse mandato — que trata de achar os meios para uma organização Internacional sindicalista independente. Nós poderíamos ser mais intransigentes e decidir aqui a questão, imediatamente.

Nós publicamos a nossa declaração de princípios e as bases fundamentais para o desenvolvimento do sindicalismo revolucionário. Convocaremos o nosso congresso mundial para uma data que dará plena possibilidade a todas as organizações sindicais (nacionais ou internacionais) de tomar posição. Nós não queremos de forma alguma declarar guerra à I. S. V. Nós continuaremos simplesmente o nosso próprio caminho.

E nomeada uma comissão para redigir uma resolução sobre a segunda questão da ordem do dia, composta de

Borgh, Schapiro, Jensen e Souchy, sendo a sessão encerrada.

Sexta sessão

A sessão é aberta às 9 horas. Kater, presidente, E' apresentada a conferência a resolução elaborada pela Comissão eleita na sessão da noite anterior e por A Batalha já publicada em 19 de Agosto.

A França abstém-se de votar porque os seus delegados não são mandatários para tomar parte nas votações.

A conferência passa à discussão do terceiro ponto da ordem do dia: «O Bureau Internacional dos Sindicalistas Revolucionários».

Kater: O Bureau não deve ser na Alemanha. Rocker explicou ontem as razões porque não seria desejável de o ter na Alemanha. Consideramos-nos contra-revolucionários; se a sede do «bureau» fosse na Alemanha seria uma arma que a I. S. V. empregaria contra nós. Nós não devemos dar-lhe esta arma. Como a França está fora da questão, eu proponho a Itália.

Besnard: Aprovo as palavras de Kater; eu confio que a França não pode aceitar visto a sua situação e peço aos italianos que aceitem.

Borgh: Os camaradas vêm as dificuldades para o Bureau na Alemanha e nós compreendemos as palavras de Kater; mas por o «bureau» provisório na Itália é muito arriscado, porque podemos ser presos à chegada, e a situação é tal na Itália que os militantes não sabem se tem muito tempo de vida. De mais a situação não é favorável. Peço que proponham outro país.

Souchy: Reconheço a justiça das observações de Borgh. Mas é preciso dizer que o movimento sindicalista de Itália é o que tem maior prestígio. Os camaradas italianos poderiam bem compreender provisoriamente o trabalho, se as condições do país piorarem, poder-se-á então fixar outro país para reinstalar o Bureau. Seria em todo o caso melhor se a União Sindical compreendesse o trabalho.

(Continua)

A BATALHA na provincia e arredores

Vila Franca de Xira

11 DE SETEMBRO

Os trabalhadores rurais

E' deveras lamentável a situação que os trabalhadores rurais desta região atravessam, por os mesmos não se levantarem de fronte erguida para evitar a miséria que invade os seus lares. Preocupam-se mais com a taberna, o alambique e o crime. Dizem alguns que vão embriagar-se para não pensarem na situação sem que se encontrem. Nós bem lhes dizemos que na taberna não é que nós estudamos a nossa situação angustiosa e que só a associação de classe se deve frequentar para estudar e formular as reclamações que tam justas são, na hora que atravesamos.

Não é com 350\$ que se mantém. Os miseros centavos que lhes dão não chegam para uma só pessoa se alimentar. Os lavradores tiram fabulosos lucros, pois só pagam na lavoura a 2500 por bondas e seitas de trigo; 1570 as de milho, e só durante estas semanas pagam a 500.

Mas, lindas estas, baixaram os salários para 350\$.

Como querem estes detentores da terra sossegar, reduzindo a fome e a miséria os que trabalham?

E' revoltante que o ministro da Agricultura de protecção aos lavradores que venderem o trigo a 980 o quilo, se seja a 830, quando lhes descem ao preço dos trabalhadores.

Mas, no entanto, dois lavradores deste concelho dizem abertamente que se vendessem o trigo a menos de 800 ainda ganhavam muito dinheiro!

Vejam todos os senhores republicanos, monárquicos e ministros desta república mascarada, se os trabalhadores não ou não razão de se revoltarem enfra a vil exploração desta canalha que nos assombra e assalta sem descanso.

Pois bem camaradas rurais: mãos à obra! E' preciso que despertem duma vez para sempre senão quiserem morrer nas mãos destes vargúes.

Abandonem, pois, a taberna. Para a associação de classe é que é o caminho.

Vila do Conde

12 DE SETEMBRO

Um erro grave — que é necessário não repetir

A direcção do sindicato da classe útil, que desde que se reorganizou o sindicato ainda não convocou a asse para nada, que nunca apparece no indicio para tratar sequer dos trabalhos administrativos — a excepção do secretario geral que tem apparecido algumas vezes — que é a expressão clara e simples dos interesses e conveniências de sr. Domingos Moreira Brites, secretario administrativo e ditador do sindicato, fez-se representar a classe na sessão do Carmo, com a respectiva bandeira sindical, o que foi, sem dúvida, um verdadeiro atentado contra a vida e prestigio do nosso sindicato.

E como é um acto deveras indigno, lux

